

Separação conjugal dos pais e de seus filhos: um relato acadêmico em estudo de caso

Marital separation of parents and their children: academic case study

Etiene Naiara Guerres de Oliveira

Psicóloga, pela Faculdade de Ciências Aplicadas – FACISA. Santa Catarina, Brasil.

E-mail: naiaraguerres@gmail.com

Wellington Fernando da Silva Ferreira

Enfermeiro. Especialista em Saúde do idoso e Gerontologia. Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, Brasil.

Elia Machado de Oliveira

Enfermeira. Especialista em Assistência de Enfermagem ao Paciente em Estado Crítico. Mestre em Cirurgia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Diretora acadêmica da Faculdade e Escola Técnica, INTEC. Curitiba, Brasil.

Resumo

Objetiva-se, compreender o comportamento do indivíduo adolescente diante do divórcio dos pais, mediante a práticas observacionais em um relato de caso na graduação. Trata-se de um recorte de estudo de caso de cunho observacional. Abordou-se, e observou-se o assunto sobre divórcio, separação dos pais e o luto. Foi realizado um estudo de caso com um indivíduo pré-adolescente que foi encaminhado para o Serviço de Atendimento Psicológico (SAP), de uma cidade do oeste de Santa Catarina. É necessário salientar que a teoria convém com a prática, sendo possível perceber a dificuldade do indivíduo em falar sobre o divórcio dos pais. Observou-se também que começou a haver inversão de papel em relação à irmã, sendo trabalhado nos atendimentos e conversado com os responsáveis. Portanto, compreendemos diante de observações extensionistas a lidar com determinadas situações, saber como trabalhar em atendimento, o que falar e fazer, e acima de tudo respeitando o limite e o tempo do indivíduo.

Palavras-chaves: Psicologia Clínica. Divórcio. Terapia Familiar.

Abstract

The objective is to understand the adolescent's behavior in the face of their parents' divorce, through observational practices in stages of graduation. This is an excerpt from an observational case study. The subject of divorce, separation from parents and grief was addressed, a case study was carried out with a pre-adolescent who was referred to the Psychological Service (SAP), in a city in the west of Santa Catarina. It is necessary to point out that the theory of this article is consistent with practice, making it possible to perceive the patient's difficulty in talking about the parents' divorce, where there has also started to be an inversion of role in relation to the sister, being worked on in the consultations and talking with those responsible. Therefore, we understand in the face of observations dealing with certain situations, knowing how to work in care, what to say and do and above all respecting the patient's limit and time.

Keywords: Clinical Psychology. Divorce. Family Therapy.

INTRODUÇÃO

A psicologia clínica começou a ser concretizar através do método clínico, que tem por objetivo colher dados a respeito de todas as doenças que afetam o ser humano. A psicologia clínica é uma psicologia individual e social, normal e patológica que se refere a todo o ciclo de vida. O psicológico provoca conceitos que separam patologias de determinados comportamentos, a principal função da psicologia clínica se dá pela característica psicológica evidenciadas (SOUSA; BRITO, 2011; LEME; DEL-PRETTE; COIMBRA, 2013; FRANCO; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2018; BIAGI; RASERA, 2018).

Neste contexto, uma abordagem sistêmica assume um papel significativo entre os terapeutas de família. Neste contexto, a Terapia Familiar (T.F) chegou no Brasil por voltar nos anos 70, pelo Brasil ser extenso geograficamente é difícil saber onde a T.F apareceu pela primeira vez (HACK; RAMIRES, 2010; CÚNICO; ARPINI, 2014; KOSTULSKI et al., 2017; DORICCI; CROVADOR; MARTINS, 2017).

Para tal, a concepção de família é vista como um sistema aberto, onde ações dos indivíduos integrantes da família influenciam e podem ser influenciados, através do comportamento de outros, sendo esse sistema chamado de retroalimentação. Contudo, os elementos envolvidos nestes processos agem juntos, sendo influenciados respectivamente através de feedbacks (BRITO, 2007; NEUMANN; ZORDAN, 2013; LINS et al., 2015; ROSSATO, 2017; LUCENA et al., 2018; FERREIRA; OLIVEIRA; DUTRA, 2019; BORGES; UZIEL; PONCIANO, 2020).

De acordo com Diniz (2006), a definição de divórcio e a separação judicial, por serem semelhantes, quando analisadas possuem algumas diferenças. O

divórcio é o fim definitivo e imediato do casamento, a separação judicial é a separação carnal com a manutenção do vínculo matrimonial.

Assim que os pais se divorciam, os filhos dos sujeitos separados têm que enfrentar essa crise junto, trazendo diversas implicações. Todavia ocorre mudanças nas relações íntimas, tanto na família nuclear como na ampliada, ocorrendo também mudanças na infraestrutura e na rede social da vida dos envolvidos. Essas mudanças são acompanhadas por um complexo conjunto de sentimentos, incluindo o medo do abandono (RAMIRES, 2004; COSTA; DIAS, 2012; GADONI-COSTA; FRIZZO; LOPES, 2015; THOLL; BEIRAS, 2017).

Deste modo, estas realidades estão presentes principalmente em pré-adolescente, tendo demandas e dificuldades decorrentes da separação dos pais. Portanto, objetiva-se, compreender o comportamento do adolescente diante do divórcio dos pais, mediante a práticas observacionais em um relato de caso na graduação.

METODOLOGIA

Trata-se de um recorte de estudo de caso de relato observacional. Segundo Yin (2015), é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

A investigação de um estudo de caso, baseia-se em várias fontes de evidências e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados observacionais.

Por se tratar de uma narrativa observacional do caso empírica, e em virtude de aspectos éticos, informações clínicas foram ocultadas, para a não identificação do indivíduo.

O caso foi encaminhado para o Serviço de Atendimento Psicológico (SAP), em uma universidade do oeste de Santa Catarina através do "Posto Central de Saúde" do município no Sistema Único de Saúde (SUS), onde a queixa principal do indivíduo do presente estudo de caso, seria o nervosismo do adolescente e a separação dos pais.

O SAP possui três salas para o atendimento psicológico sendo elas em um ambiente aconchegante e agradável e a sala da recepção. O estágio onde o estudo de caso foi concretizado é de módulo clínico e aconteceu nas quartas-feiras há época.

O procedimento adotado pelos acadêmicos em estágio foram atendimentos com o adolescente. Com os avós sendo na primeira sessão para ser realizada a anamnese e outro atendimento com o adolescente junto e o pai para saber assuntos do relacionamento com a ex-mulher.

Para a realização deste estudo de caso, foi feito questionário sobre os assuntos que iriam surgindo nos atendimentos, teste HTP (*Human/Tree/Person*), desenhos e jogos (NORONHA, 2002; LAGO; BANDEIRA, 2008). Além disso,

todo o atendimento os acadêmicos em estágio relatavam nos diários de campo fornecendo também informações e impressões sobre o problema em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Narrativa observacional do caso

O caso foi encaminhado para o SAP através do SUS, tendo por queixa principal o uso excessivo do celular, nervosismo e o divórcio dos pais. No primeiro atendimento foi realizada uma anamnese com os avós do indivíduo adolescente, para conhecer um pouco do histórico, onde foi descoberto que os avós maternos e o pai teriam a guarda do adolescente e de sua irmã de 4 anos. Alguns autores descrevem às principais queixas encontradas no atendimento psicossocial e em terapias (BRITO, 2007; NEUMANN; ZORDAN, 2013; LINS et al., 2015; ROSSATO, 2017; BORGES; UZIEL; PONCIANO, 2020).

Então os avós relataram sobre a separação dos pais, como foi esse processo para a família e principalmente para os filhos do casal, por eles serem crianças e não saberem o que estava acontecendo e o porquê de tal acontecimento. No primeiro atendimento com o adolescente foi realizado a criação de vínculos e como ele se sentia com o fim do relacionamento dos pais. Foi descoberto que o assunto incomodava o mesmo, e ele não gostava de falar e era muito evitado pelo mesmo, então foi respeitado o tempo e foi trabalhado outras alternativas identificadas, como a inversão de papel, pois ele protegia muito a irmã, queria ter o controle sobre ela e foi trabalhado isso. Alguns autores descrevem os principais temas na adolescência e nas demais fases da vida (RAMIRES, 2004; COSTA; DIAS, 2012; GADONI-COSTA; FRIZZO; LOPES, 2015; THOLL; BEIRAS, 2017).

Ao longo dos atendimentos foi chamado os avós para um atendimento familiar junto com o adolescente, então foi debatido sobre algumas atitudes do mesmo com a irmã, sobre responsabilidade, sobre direitos e deveres. Também foi acordado com os avós se o mesmo não realizasse as tarefas de responsabilidade dele o mesmo teria um “castigo”, sendo este uma semana sem o uso do celular. Em um outro momento foi feita uma conversa com o pai para criar vínculo e para saber como foi a separação, o que levou a esse ponto e como foi esse processo, e também foi falado com o pai sobre os direitos, deveres, responsabilidade e sobre o comportamento do adolescente com a irmã. Alguns autores descrevem sobre as estruturas familiares (SOUSA; BRITO, 2011; LEME; DEL-PRETTE; COIMBRA, 2013; FRANCO; MAGA-LHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2018; BIAGI; RASERA, 2018).

Com o tempo foi realizada a conversa sobre a separação dos pais e como o mesmo, se sentia e o que aconteceu no dia em questão, foi um assunto delicado de trabalhar, mas foi realizado com sucesso.

Psicologia clínica e a abordagem sistêmica

A T.F surgiu nos Estados Unidos por volta dos anos 50, assim inovando a psicologia, sendo o oposto da terapia individual. A T.F trabalha com a família e não apenas um indivíduo. O que teve mais influência conceitual sobre a T.F foi a Teoria Geral dos Sistemas (TGS) e a Cibernética (RAMIRES, 2004; COSTA; DIAS, 2012; GADONI-COSTA; FRIZZO; LOPES, 2015; THOLL; BEIRAS, 2017).

A TGS foi criada por Ludwing Bertalanffy na década de 1930. Os sistemas são cheios de subsistemas que estão em interação, isto é, são um conjunto de elementos que se relacionam entre eles e com o meio, assim buscando um resultado final. Para tal, a Cibernética foi criada por Norbert Wiener, na década de 1940, qual é uma ciência que cuida dos processos de comunicação e controla os sistemas vivos e não vivos. A mesma analisa como a informação circula e organiza (SOUSA; BRITO, 2011; LEME; DEL-PRETTE; COIMBRA, 2013; FRANCO; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2018; BIAGI; RASERA, 2018).

Neste contexto, a família é vista como um sistema aberto, onde ações dos indivíduos integrantes da família influenciam e podem ser influenciados, através do comportamento de outros, sendo esse sistema chamado de retroalimentação. Contudo, os elementos envolvidos neste processo agem juntos, influenciados respectivamente através de feedbacks (BRITO, 2007; NEUMANN; ZORDAN, 2013; LINS et al., 2015; ROSSATO, 2017; LUCENA et al., 2018; FERREIRA; OLIVEIRA; DUTRA, 2019; BORGES; UZIEL; PONCIANO, 2020).

Logo, a T.F chegou ao Brasil por voltar dos anos 70, embora pela extensão geográfica do país, é difícil saber onde a T.F apareceu pela primeira vez. A família para os brasileiros é uma instituição importante e se torna positiva, sendo que a família está acima do Estado e da Igreja. Os brasileiros valorizam a família, pois é desejada e também se torna responsável pelo fracasso e sucesso das futuras gerações (HACK; RAMIRES, 2010; CÚNICO; ARPINI, 2014; KOSTULSKI et al., 2017; DORICCI; CROVADOR; MARTINS, 2017).

Para a família são dadas duas funções importantes, tais como: o amor incondicional entre os integrantes da família, e também a união entre os mesmos. Mas às famílias ao longo do tempo vêm se modificando a cada nova geração, e os integrantes das famílias vão de adaptando a essas modificações, pois na realidade não é somente a tecnologia ou a sociedade que vai construindo essa modificação (BRITO, 2007; NEUMANN; ZORDAN, 2013; LINS et al., 2015; ROSSATO, 2017; BORGES; UZIEL; PONCIANO, 2020).

Haja vista que o ciclo vital familiar envolve várias etapas definidas por alguns critérios, pelas quais as famílias passam da sua constituição em uma geração até a morte dos indivíduos que iniciaram. Tais critérios podem ser: idade de pais e filhos, duração de união e a saída de um membro familiar. Portanto, todas às famílias passam por modificações na configuração, independente da orientação do casal, heterossexual ou homossexual, o casal irá enfrentar tarefas

e desafios no ciclo familiar (SOUSA; BRITO, 2011; LEME; DEL-PRETTE; COIMBRA, 2013; FRANCO; MAGA-LHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2018; BIAGI; RASERA, 2018).

Contudo, além do ciclo familiar vital, a literatura aponta que no final do século XX também se apresentavam seis estágios, tais como: o nascimento; o jovem adulto solteiro; novo casal; tornar-se pais; o sistema familiar na adolescência; nascimento dos filhos e seguindo em frente; família no estágio tardio da vida (RAMIRES, 2004; COSTA; DIAS, 2012; GADONI-COSTA; FRIZZO; LOPES, 2015).

Deste modo, além dessas seis fases, tem a fase do ninho vazio, onde a família se reduz novamente no casal. Contudo, foi atribuído quatro estágios onde a família passa: fase de aquisição, período de união do casal até a chegada da adolescência dos filhos; fase adolescente, onde os integrantes da família retornam à adolescência, mais precisamente os pais; fase madura, é a fase mais longa, pois é quando acontece a saída dos filhos, chegada de agregados, perdas, cuidados com a geração anterior, preparo para a aposentadoria e o envelhecimento; fase última, em que o casal retorna a ficar sozinhos (BRITO, 2007; NEUMANN; ZORDAN, 2013; LINS et al., 2015).

O divórcio, a separação dos pais e o luto

A definição de divórcio e a separação judicial, por serem semelhantes, quando analisadas possuem algumas diferenças. O divórcio é o fim definitivo e imediato do casamento, a separação judicial é a separação carnal (DINIZ, 2006).

Neste contexto, o processo de separação possui três fases sendo elas: fase aguda, antecedente ao divórcio onde há insatisfação de um ou de ambos os parceiros, tendo todas às expectativas frustradas na relação; fase transitória, qual é a separação concreta onde será decidido o futuro dos membros familiares, reorganização da família, comunicação para os filhos, exigindo assim grande esforço da família; fase de ajuste, onde existe a aceitação, onde irá se iniciar um novo começo de vida, tendo novos projetos de vida e talvez um outro casamento (DINIZ, 2006; CANO et al., 2009; MELO; MOTA, 2013; COSTA; CENCI; MOSMANN, 2016).

A classificação do divórcio segundo a literatura, apresenta fases vividas no ciclo de vida familiar, para que os casais possam se reestabilizar e se desenvolverem, sendo elas: (Fase Decisão: Fase Planejamento: Luto. Portanto), o divórcio é reconhecido como um rompimento no ciclo de vida familiar, e acaba afetando todos os membros da família, tanto os membros da família nuclear como os da família ampliada. Ele provoca uma crise para a família como um todo e também para cada indivíduo que a compõe o ciclo (HACK; RAMIRES, 2010; CÚNICO; ARPINI, 2014; KOSTULSKI et al., 2017).

Nesta perspectiva, assim que os pais se divorciam, os filhos dos sujeitos separados têm que enfrentar essa crise junto, trazendo diversas implicações.

Todavia, ocorre mudanças nas relações íntimas, essas mudanças são acompanhadas por um complexo conjunto de sentimentos (SOUSA; BRITO, 2011; LEME; DEL-PRETTE; COIMBRA, 2013; FRANCO; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2018).

De acordo com Ramires (2004), o modo pelo qual as crianças e os adolescentes percebem e respondem ao divórcio parental depende de múltiplos aspectos: sua idade, gênero, nível de desenvolvimento cognitivo, padrão de apego, arranjos de cuidado, redes de suporte (irmãos, família extensa, amigos, terapeutas), personalidade individual e resiliência.

Portanto, a família sofre o impacto do divórcio, pois quando o casal se divorcia ambos possuem a dor do luto, e também quando o casal possui filhos, eles também elaboram um luto em cima da separação dos pais. Pois um relacionamento é como se uma vida, então quando chega ao fim, os indivíduos envolvidos precisam lidar com a situação de perda (ZORDAN; STREY, 2011; SCHNEEBELI; MENANDRO, 2014; SILVA; CHAPADEIRO; ASSUMPÇÃO, 2019).

Ao que tange ao luto, este é um procedimento doloroso, onde o mesmo não deve ser interrompido ou até mesmo impedido, sendo ele constituído por cinco fases: negação; fase da raiva; fase da barganha; fase da depressão, e a fase da aceitação. Autores corroboram com a afirmativa que segundo as teorias do analítico Freud, o final do processo de luto pode ser entendido no momento em que a pessoa, consegue reorganizar sua vida como no restabelecimento de outras relações (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013; RODRIGUES, 2016; OLIVEIRA; CRE-PALDI, 2018).

Neste sentido, a primeira é a fase da negação: fase onde o indivíduo nega o acontecido, não acreditando no que aconteceu, acreditando que tem algum engano. A segunda fase é a raiva: onde o indivíduo sente raiva, dor, medo e até mesmo culpa, essa fase é muito delicada, pois o indivíduo pode ter atitudes desagradáveis e sente raiva de quem informou o acontecido (BONFIM, 2013; RODRIGUES, 2016; COCA; SALLES; GRANADO, 2017).

Logo, a terceira fase é a negação/ barganha: fase onde a revolta anterior não aliviou, então o indivíduo tem pensamentos para reverter o acontecido. A quarta fase é a depressão: fase de grande sofrimento, onde a maior colaboração dos sujeitos próximos é ter paciência e ser um bom ouvinte. Quinta fase é aceitação: fase onde o sofrimento está mais leve, o indivíduo consegue ter mais reflexões e percepções em relação ao acontecido, facilitando assim a aceitação do ocorrido e possibilitando reações (SOUZA; PONTES, 2016; COCA; SALLES; GRANADO, 2017).

Entende-se a perda, então, como um fato que não escolhe classe social, raça e até mesmo idade, nenhum indivíduo está livre de ser alvo da perda. Embora a perda aconteça de forma relacional, à dor é sentida de forma única, pois o que afeta um membro repercute nos demais (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013; RODRIGUES, 2016).

Para tal, o luto é fundamental na elaboração da perda, desencadeando sentimentos e/ou comportamentos de sofrimento. Portanto, o luto não se dá apenas com a morte, mas também quando um indivíduo enfrenta perdas reais e simbólicas ao longo de sua vida. Embora possua algumas maneiras de vivenciar o luto, podendo ser normal ou complicado, estas complicações não definem se serão boas ou ruins, mas permite que o enlutado encontre um meio para superar a dor que está passando (SOUZA; PONTES, 2016; COCA; SALLES; GRANADO, 2017; BORGES; UZIEL; PON-CIANO, 2020).

Segundo Bowlby (1998) entende o luto como um processo de diferentes fases, que vai do princípio do luto até o restabelecimento da perda do objeto. Sendo o luto considerado não somente na morte, mas em qualquer possibilidade de perda. Ao enfrentarmos uma perda, por mais difícil e dolorosa que seja é um momento inevitável, tornando o luto um gerador de rompimento afetivo. A diferença do luto normal para o patológico é a intensidade, tempo e frequência desses comportamentos, por estender a dor causada.

CONCLUSÕES

É necessário salientar que a teoria deste artigo convém com a prática, sendo possível perceber a dificuldade do paciente em falar sobre o divórcio dos pais, onde também começou a haver inversão de papel em relação a irmã, sendo trabalhado nos atendimentos e conversado com os responsáveis.

Este estudo de caso foi realizado com um paciente do serviço de atendimento psicológico, sendo alcançado todos os objetivos traçados logo após a realização da anamnese com os avós. Tendo em vista que, esse foi aprendizado acadêmico e de crescimento profissional, onde tive a experiência de saber lidar com determinadas situações durante os atendimentos e sobre respeitar o limite de outros, durante a graduação de psicologia.

Durante o campo de estágio acadêmico conseguimos colocar em prática, todo o aprendizado obtido durante a graduação, realizando atividades, jogos, aplicando teste, entre outros. Todavia, também compreendemos diante de observações a lidar com determinadas situações, saber como trabalhar em atendimento, o que falar e fazer, e acima de tudo respeitando o limite e o tempo do paciente.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento pela colaboração do excelentíssima Docente: Me. Leonora Vidal Spiller, pelas orientações iniciais durante a disciplina/estágio do curso de graduação.

REFERÊNCIAS

BIAGI, Berenice Araújo Dantas De; RASERA, Emerson Fernando. A construção da responsabilidade relacional em terapia familiar. **Pensando famílias**, v. 22, n. 1, p. 3-17, 2018.

BORGES, Carolina De Campos; UZIEL, Anna Paula; PONCIANO, Edna. Guarda compartilhada no Brasil e no Uruguai: tensões na instituição da igualdade parental. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 10, n. 3supl, p. 24-47, 2020.

BOWLBY, John. **Perda: tristeza e depressão**. Martins Fontes, 1998.

BRITO, Leila Maria Torraca de. Família pós-divórcio: a visão dos filhos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, n. 1, p. 32-45, 2007.

CANO, Débora Staub et al. As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 22, n. 2, p. 214-222, 2009.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK, Milena Lieto; BONFIM, Tania Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicólogo informação**, v. 17, n. 17, p. 87-105, 2013.

COCA, Ohara De Souza; SALLES, Rodrigo Jorge; GRANADO, Laura Carmilo. Uma compreensão psicanalítica acerca do processo de luto na separação amorosa. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 1, p. 27-39, 2017.

COSTA, Crístofer Batista da; CENCI, Cláudia Mara Boseto; MOSMANN, Clarisse Pereira. Conflito conjugal e estratégias de resolução: Uma revisão sistemática da literatura. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 325-338, 2016.

COSTA, Juliana Monteiro; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, p. 72-87, 2012.

CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família. **Aletheia**, n. 43-44, 2014.

DINIZ, Maria Helena. **Curso de Direito Civil Brasileiro**, vol. 5, 23ª Edição, São Paulo: Ed. Saraiva, 2006.

DORICCI, Giovanna Cabral; CROVADOR, Laura Ferreira; MARTINS, Pedro Pablo Sampaio. O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 26, n. 59, p. 37-51, 2017.

FERREIRA, Wellington Fernando Da Silva; DE OLIVEIRA, Edina Correia; DUTRA, Denecir De Almeida. Imigração Haitiana Território E Direito À Saúde: Uma Contribuição Da Enfermagem. **Saúde e Desenvolvimento**, v. 12, n. 7, 2019.

FRANCO, Débora Augusto; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Luta pela guarda compartilhada: Narrativas dos pais. **Interação em Psicologia**, v. 22, n. 2, 2018.

FREUD, Sigmund. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (Sigmund Freud Obras Completas, Paulo César de Souza, Trad., Vol. 10). **São Paulo: Companhia das Letras.(Originalmente publicado em 1912)**, 2010.

GADONI-COSTA, Lila Maria; FRIZZO, Giana Bitencourt; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. A guarda compartilhada na prática: Estudo de casos múltiplos. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 4, p. 901-912, 2015.

HACK, Soraya Maria Pandolfi Koch; RAMIRES, Vera Regina Röhnel. Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. **Psicologia Clínica**, v. 22, n. 1, p. 85-97, 2010.

KOSTULSKI, Camila Almeida et al. Coparentalidade em famílias pós-divórcio: uma ação desenvolvida em um núcleo de práticas judiciais. **Pensando famílias**, v. 21, n. 2, p. 105-117, 2017.

LAGO, Vivian de Medeiros; BANDEIRA, Denise Ruschel. As práticas em avaliação psicológica envolvendo disputa de guarda no Brasil. **Avaliação psicológica**, v. 7, n. 2, p. 223-234, 2008.

LEME, Vanessa BR; DEL PRETTE, Zilda AP; COIMBRA, Susana. Práticas educativas parentais e habilidades sociais de adolescentes de diferentes configurações familiares. **Psico**, v. 44, n. 4, p. 560-570, 2013.

LINS, Zoraide Margaret Bezerra et al. O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. **Revista da SPAGESP**, v. 16, n. 1, p. 43-59, 2015.

LUCENA, Cristiane Gislaine et al. Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre o transtorno afetivo bipolar. **Rev. Ciência. Desenvol fainor [internet]**, v. 11, n. 2, p. 400-19, 2018.

MELO, Olga; MOTA, Catarina Pinheiro. Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. **Psicologia em Estudo**, v. 18, n. 4, p. 587-597, 2013.

NEUMANN, Angélica Paula; ZORDAN, Eliana Piccoli. As reverberações da separação conjugal dos pais no relacionamento entre irmãos. **Pensando famílias**, v. 17, n. 2, p. 35-47, 2013.

NORONHA, Ana Paula Porto. Os problemas mais graves e mais freqüentes no uso dos testes psicológicos. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 15, n. 1, p. 135-142, 2002.

OLIVEIRA, Joyce Lúcia Abreu Pereira; APARECIDA CREPALDI, Maria. Relação entre o pai e os filhos após o divórcio: revisão integrativa da literatura. **Actualidades em Psicologia**, v. 32, n. 124, p. 92-110, 2018.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. **Psicologia em estudo**, v. 9, n. 2, p. 183-193, 2004.

RODRIGUES, Vânia Maria Amaral. Uma revisão da literatura acerca do processo de elaboração do luto no sistema familiar e os manejos usados por psicólogos nesse contexto. **Psicologia. pt o portal dos psicólogos**, v. 5, 2016.

ROSSATO, Mara Lúcia. Terapia familiar como um espaço de ressignificação das relações. **Pensando famílias**, v. 21, n. 1, p. 137-145, 2017.

SCHNEEBELI, Fernanda Cabral Ferreira; MENANDRO, Maria Cristina Smith. Com quem as crianças ficarão?: Representações sociais da guarda dos filhos após a separação conjugal. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 175-184, 2014.

SILVA, Liniker Douglas Lopes da; CHAPADEIRO, Cibele Alves; ASSUMPÇÃO, Marina Cunha. O exercício da parentalidade após a dissolução conjugal: uma revisão integrativa. **Pensando famílias**, v. 23, n. 1, p. 105-120, 2019.

SOUSA, Analícia Martins de; BRITO, Leila Maria Torraca de. Síndrome de alienação parental: da teoria Norte-Americana à nova lei brasileira. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 31, n. 2, p. 268-283, 2011.

SOUZA, Andressa Mayara Silva; PONTES, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 5, n. 9, p. 69-85, 2016.

THOLL, Francieli; BEIRAS, Adriano. Terapia familiar com crianças: a importância da interlocução teórico-prática para a superação dos desafios no processo de formação do terapeuta. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 26, n. 58, p. 86-97, 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso-: Planejamento e métodos**. Bookman editora, 2015.

ZORDAN, Eliana Píccoli; STREY, Marlene Neves. Separação conjugal: Aspectos implicados nessa decisão, reverberação e projetos futuros. **Pensando fam**, p. 71-88, 2011.